

## PELA ILHARGA ESQUERDA – SOBRE A ESCRITA DE CRISTÓVÃO DE AGUIAR, A PROPÓSITO DE *CÃES LETRADOS*<sup>1</sup>

por Carlos Alberto Machado

### AS PALAVRAS

As palavras armazenam-se como ladrões maduros  
São flexíveis à memória são marinheiros em terra  
Acontece dizer: levantem-se e caminhem  
Mas quem somos e que hábito envergamos?  
As palavras entontecem  
Quando dispersas levantam rumos vários.

Zeca Afonso, *Poemas e Canções*

I shall never get you put together entirely,  
Pieced, glued, and properly jointed.  
(Nunca conseguirei juntar-te todo,  
compor-te, colar-te e unir-te devidamente.)

Sylvia Plath, *The Colossus* (trad. Maria de Lourdes Guimarães)

### [embaraço]

Falar de alguém. Falar sobre o que alguém escreveu. Em público. “Sempre que alguém me faz essa intimação fico sem saber aonde pôr as palavras. (...) Não sei onde as pôr. Rodo-as, camponesamente, entre as mãos, como o aldeão ao chapéu em casa de gente de cerimónia.”<sup>2</sup> Mas avanço. Fecho os olhos e avanço com uma voz inventada, “em punhal, de encontro ao lugar comum do peito, a ilharga esquerda.”<sup>3</sup> Nossas debilidades – ou fortalezas.

### [inquirição]

Não irei “inquirir acerca das [suas] origens, das raízes que [o] fascicularam pela vida fora. De como foi possível arrancá-las e carregá-las depois na carroça de outro destino. Se houve ou não uma raiz literária que [lhe] deslavourou a vida com metáforas...”<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Editora Calendário, 2008.

<sup>2</sup> M/CS: 168-169.

Aconselho já os leitores a não se preocuparem em seguir as origens das chamadas para notas de rodapé, pois apenas distraem a leitura, que se quer proveitosa – a esmagadora maioria delas são, como se explicará, de Cristóvão de Aguiar.

<sup>3</sup> M/CS: 164.

<sup>4</sup> PT: 171.

Não. Escolhi o fascínio de viajar pelas palavras de Cristóvão de Aguiar – e é esse fascínio que desde logo afasta qualquer intento bisbilhoteiro. Empreendo a viagem, humildemente, com a esperança de poder sentir o que de outro modo seria impossível sentir: os encontrões inadvertidos das suas palavras, as suas lâminas ainda demasiado afiadas e a sua dureza rude – as suas palavras ainda antes de serem matéria narrativa, as palavras antes de (aparentemente) estabilizarem no devir das linhas paralelas de um texto.

[ideias]

Sinto que neste preciso momento devo partilhar convosco umas poucas ideias que hão-de evoluir por aí abaixo e, a modos de jangada, nos manterem à tona do entendimento: – a escrita não é encarada como “distracção”, divertimento” ou “habilidade circense”, para isso, procure-se na Internet um qualquer “professor Marcelo”; – “Por trás de cada linha ou verso escrito, muita dor sublimada se encontra latente. E sacrifício. E sofrimento.<sup>5</sup>” A escrita de Cristóvão de Aguiar exige dele, então, dor e sacrifício – mas não necessariamente do leitor, pergunto? “Quem escreve, disse alguém, escreve-se. (...) Recria-se a partir do intimamente vivido. Ou do revivido, ainda com mais intensidade, na arena de desforço onde a memória aguça e esgrime as suas armas de ataque e de defesa...<sup>6</sup>”; a memória, ainda: mesmo para haver algo de novo a dizer, é preciso “que se desça aos infernos do íntimo e se escarafunche o que lá possa haver (e há) de original, no sentido de que é só nosso.<sup>7</sup>”; - e, tão importante, o esforço persistente à procura da perfeição inalcançável, demanda sem descanso, polindo “cada palavra ou frase que consert[a] na bigorna da perseverança. E da paciência.<sup>8</sup>”

---

<sup>5</sup> T: 15.

<sup>6</sup> T: 15.

<sup>7</sup> T: 15.

<sup>8</sup> TT: 97.

### [a procura da perfeição]

Retomo: Cristóvão de Aguiar diz-nos quase até à exaustão: a escrita é coisa de causar “instantes de um prazer rasante à dor”<sup>9</sup>. Não se trata aqui, obviamente, de querer elevar o acto criativo a coisa divina, de considerar a escrita como matéria exclusiva de eleitos ou de iluminados. Não. Cristóvão de Aguiar sabe, como poucos, do que se trata: de uma procura daquilo que sabemos, tragicamente, não se poder alcançar – é o que nos diz, por palavras semelhantes, Eduardo Lourenço, a propósito de uma possível definição de poesia e da sua inevitável tragicidade. Cristóvão de Aguiar, artesão honesto e honrado do dizer escrito, não pode deixar de o saber e de o sentir, e de o dizer descarnadamente: “Penélope desfazia para enganar os pretendentes. Eu para iludir o tempo e procurar uma perfeição que nunca se deixa apanhar. Situa-se sempre um pouco mais além.”<sup>10</sup>. Marca maior da sua escrita é a que releva da sua consciência aguda de ser uma nova “Penélope de pacotilha”<sup>11</sup>, nesse interminável fazer e desfazer os fios da vida e da escrita, em “constante dobadoira a remendar e a estraçoar os livros que componho com muito trabalho e suor” – palavras suas<sup>12</sup>. Uma luta “agónica para atingir a perfeição da escrita”, como acentua Eloísa Alvarez, na apresentação de *A Tabuada do Tempo*.

### [afectos]

É agora o momento de dizer que Cristóvão de Aguiar, ao mesmo tempo que expõe e se expõe no labor miudinho de entrelaçar vida e literatura, demarca-se com clareza dos “marajás da crítica”<sup>13</sup>: “só eu é quem sabe as linhas com que coso ou cozo a minha escrita...”<sup>14</sup>. Por vezes é preciso dizer as coisas com os nomes certos: “Os escritores passam a vida, por via da inspiração, a roer em público o plástico traseiro da esferográfica. Os críticos fazem os seus biscates semióticos, e acabam por publicar autênticas peças sinfónicas em si maior – a chamada crítica em si.”<sup>15</sup>

---

<sup>9</sup> TT: 318.

<sup>10</sup> TT: 97-98.

<sup>11</sup> CL, Nota Prévia: 9.

<sup>12</sup> CL, Nota Prévia: 9.

<sup>13</sup> Eduardo Lourenço, “Ficção e realidade da crítica literária”, in Eduardo Lourenço, *O canto do signo. Existência e literatura (1957-1993)*, Lisboa, Presença, 1994: 15 [A situação do crítico pareceu-se durante séculos à do marajá caçando o tigre real do alto da torre confortável e segura de um elefante.]

<sup>14</sup> CL, Nota Prévia: 9.

<sup>15</sup> PT: 162.

Num pequeno texto da década de cinquenta, Maurice Blanchot<sup>16</sup> reflecte sobre a necessária *impureza* da crítica e em como nessa impureza se revela justamente a sua razão de ser. Se as obras são de uma infinita solidão, como dizia Rilke, nada há de pior para elas do que a crítica ao chamar a atenção sobre as obras, ao fazê-las sair desse ponto de fascinante discrição onde elas se formaram e onde gostariam de se fechar, ao abrigo de toda a curiosidade pública. Mas a crítica é uma força que passa rápida e na força da sua soberania introduz, sem precauções, as obras nas mãos do mundo. A essência do crítico moderno é ele estar ligado ao instante, à acção, ao quotidiano fugitivo, à instantaneidade. O crítico não deve ter arte própria nem talento pessoal, ele não deve ser o centro. É certamente um *olhar*, mas um olhar anónimo, *impessoal*, vagabundo. A obra, na sua intimidade fechada, é ciumenta, desejosa de negar o exterior: a tarefa da crítica não pode deixar de ser a de seu antagonista. Mas para contrariar a obra de arte, a crítica deve ao mesmo tempo *aproximar-se* dela, de a *compreender*, de a *trair*, não porque não a compreenda, mas exactamente porque ela é *um esforço muito grande de compreensão*. Mas *a interpretação mais fiel é também a mais infiel*, porque ele expõe completamente a obra à verdade do dia banal quando *a natureza da obra é a de escapar à verdade*.<sup>17</sup>

No fundo, aquilo que é a verdade da obra é inalcançável ou não existe. Como sublinha Eduardo Lourenço, o “(...) discurso dos outros só se aproximará da verdade da obra se tomar consciência da sua impossível formulação da verdade, ou da sua não-verdade essencial”.<sup>18</sup>

Isto ajuda-me a dizer que nesta “apresentação”, como já se deverá ter percebido, não assumo o papel do crítico todo-poderoso, do crítico dono-da-verdade. Contudo, falar de alguém ou de uma obra é sempre um falar-sobre. Ora, este falar-sobre assume também ele o risco da interpretação, o risco de dizer, mesmo sem o dizer: *isto* quer dizer *aquilo*. Como a ultrapassagem ou a fuga a este estigma será improvável, há quem escolha, como eu, dizer claramente duas coisas: a primeira, é a

---

<sup>16</sup> Maurice Blanchot, «La condition critique», in *Trafic*, Revue de Cinéma, Paris, nº 2, Printemps 1992: 140-142. O texto foi originalmente publicado em *L'Observateur*, nº 6, de 18 de Maio de 1950.

<sup>17</sup> Extracto do meu livro *Teatro da Cornucópia. As Regras do Jogo*, Prefácio de Alexandre Melo, Lisboa, frenesi, 1999.

<sup>18</sup> José Gil, “O ensaísmo trágico”, in José Gil e Fernando Catroga, *O ensaísmo trágico de Eduardo Lourenço*, Lisboa, Relógio D'Água, 1996: 14.

de que se está a falar de uma obra ou de um autor de quem se gosta – o que desde logo afasta qualquer máscara de “imparcialidade”; portanto, já fui, e serei, “parcial”, é, pois, uma questão de afecto; a segunda, é que este falar, mesmo a “favor” do autor e da obra, é sempre um falar de um indivíduo que, como defende António Pinto Ribeiro, está historicamente situado, porque “toda a escrita sobre arte (...) é sempre determinada pelo local e pela época precisos em que é produzida, ou seja, deriva do ‘estado do sítio’ em que historicamente aconteceu.”<sup>19</sup>. «O que transportará consigo (...) o escritor que escreve sobre objectos ou situações de arte? Tudo o que ele próprio é e tudo o que sabe. Transporta consigo um conjunto de dados, determinados pontos de vista, um número limitado de preconceitos, algumas estratégias de análise, o sexo, a sua sexualidade, algumas crenças (...).”<sup>20</sup>; portanto, este escriba que aqui hoje vos fala da obra de Cristóvão de Aguiar é um ser, como todos nós, sujeito às mesmas boas e más consequências de estar vivo e estar vivo num determinado local e numa determinada época. Por isso... Então, o que para trás ficou dito e o que se seguirá é, tão só, um testemunho de leitura – valha isto o que valer – e um desafio de partilha: muito de que aqui vos digo é dito através das palavras concretas de Cristóvão de Aguiar. Como alguém disse, a melhor crítica de um texto é o mesmo texto dito em voz alta.

#### [maravilhamento]

Os obras de Cristóvão de Aguiar são de uma enorme riqueza vocabular – que não se restringe ou deixa armadilhar em regionalismos, tenham eles deitado raízes atrás dos séculos ou não –, de muito variadas fontes, e passadas pelo filtro finíssimo do homem que sempre considerou “a escrita [como] a única maneira válida de [s]e apresentar documentado na vida.”<sup>21</sup> Mas este rico e variado universo vocabular nunca por si só faria literatura. O que seguramente aí nos atrai e maravilha é a desconcertante variedade de danças com que esse mundo imenso de palavras nos brinda, um aluvião de combinatórias que têm também o condão de evitar mostrar-nos os seus modos de fazer,

---

<sup>19</sup> António Pinto Ribeiro, «Novas lógicas, novos sentidos», in Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.), *Cultura e economia - Actas do Colóquio realizado em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, col. Estudos e Investigações, nº 4, 1995: 91-96.

<sup>20</sup> *Idem*, pg. 91.

<sup>21</sup> RL-I: 304.

os seus esqueletos ou ossaturas – mas não evita, para nosso prazer, de mostrar a sua presença como distanciamento irónico, como por exemplo naquele que é para mim uma obra notável de inventividade, *Passageiro em Trânsito*: “(...) Afrânio (...) esgueira-se com certeza para as linhas desta escrita.” (33); “(...) tenciono ainda apanhá-lo no alto mar, se o tempo e a prosa estiverem de ficção.” (102). “(...) Agora vou puxar o senhor Afrânio padrinho para dentro do rego desta história.” (103) Resistindo, então, à vaidade de nos mostrar as suas habilidades construtivas, Cristóvão de Aguiar dá-nos em oferenda fluxos de palavras sem sobressaltos, dorsos nem sempre dóceis de sons e sentidos que nos impelem a viajar para espaços de ser até aí sequer imaginados. Mas surge sempre uma ocasião em que um pequeno escolho interrompe a marcha e então voltamos atrás para refazer caminho – que nunca se repete. E a cada regresso os trilhos aparentemente conhecidos fazem-se outros. E depois de muito caminhar cada palavra torna-se uma pedra em que nos refazemos e refazemos o mundo. E depois ainda deixamos de saber afinal que “história” ele estava a contar-nos e é então quando se dá em toda a sua magnificência o “alumbramento” da palavra, quando ela tem o atrevimento de querer ser, na qual e pela qual a vida se dá a partilhar.

#### [a construção de si]

Cristóvão de Aguiar desce “aos seus infernos do íntimo” e lá “escarafuncha o que lá é mais original”, no sentido do que possa ser apenas seu. Tal como Dom Quixote desce à caverna de Montesinos e de lá sai, vitorioso, com uma “história” que é só sua, assim faz Cristóvão de Aguiar quando desce ao seu “inferno íntimo”<sup>22</sup>. Embora aos olhos dos incrédulos “sanchos” estas “histórias” possam ser alucinações ou mentiras, o que é certo é que as “histórias” de ambos são na verdade absolutamente verdadeiras. E são-no porque pertencem a um outro patamar, a outra natureza, aquela que advém de uma paciente, e tantas vezes dolorosa, fabricação de si mesmo. Um homem – Miguel de Cervantes ou Cristóvão de Aguiar – elabora milhares de páginas escritas que mais não são que um processo de criação e de união de pontos que apenas no fim da obra justificam um nome. Cervantes no *Dom Quixote* não criou a *figura*, “Dom Quixote”,

---

<sup>22</sup> Creio que Cristóvão de Aguiar é, aliás, leitor assíduo de Cervantes e do seu Quixote: ver por exemplo: TT: 73.

mas sim a *figura* “Miguel de Cervantes”, tal como Cristóvão de Aguiar faz desde a primeira *Relação de Bordo* até a *A Tabuada do Tempo* – apenas para referir a sua escrita diarística, mas que a ela não se restringe. Com todos os livros que escreveu, não é apenas o trabalho laborioso da escrita em busca de uma impossível perfeição – de escrita e de literatura. O que sempre demandou, e ainda demanda, creio, é a sua própria (impossível) perfeição como ser humano, como homem. Mas isto não no sentido de algum dia vir a descobrir quem (na verdade) é, como se se tratasse de um tesouro ciosamente escondido por Deus, não. Não é um “procura-te e encontra-te”, ou um encantatório jogo infantil de “escondidas”, não. Trata-se, pelo contrário, de um processo de construção, no qual são usadas matérias bem à mão de semear: as palavras e a memória, mas uma memória que não se limita a rondar escaninhos mais ou menos obscuros do passado e a reavivá-los, mas uma memória que opera processos recombinatórios do vivido, os escolhe e monta e remonta sob um prisma que não é apenas devedor de uma hipotética verdade pessoal (e, no caso de Cristóvão de Aguiar, familiar). Imaginemos que a nossa vida certo dia se fragmentava em milhares de minúsculos pedaços e que nos era oferecida uma derradeira possibilidade de voltar a fazer deles um ser – de preferência cada um de nós mesmos em “versão aperfeiçoada”... – isto é, algo que de alguma forma voltasse de novo a fazer sentido. Sem livro de instruções – apenas Deus tem o seu e usou-o para fazer o mundo – que ou quem nos guiaria nesse empreendimento? Juntar às cegas os pedaços? Ao acaso? Cristóvão de Aguiar resolveu seguir outra “instrução”: a cada pedaço colou um nome, uma palavra; depois, foi experimentando juntar cada destes pedaços uns a seguir a outros, experimentou sequências curtas e longas; repetições; retornos; alguns pedaços foram abandonados ou desperdiçados, outros alcandorados a chaves-mestras das sequências de nomes e palavras, algumas delas novas, outras com novos usos que as posições relativas lhes ofereciam. Muito tempo demorou ele a fazer nova configuração dos fragmentos estilhaçados da sua vida – provavelmente ainda e sempre incompleta. Ou com tantas faces quantas lhe pode oferecer cada volta completa da roda de oleiro.

## [obsessões]

Não gostaria de lhe chamar obsessões, mas por vezes parecem-se com isso. Algumas delas foram já afloradas, tais como a busca da perfeição, a busca da sua própria construção (ou a sua identidade, se se quiser), e a sua relação com a crítica. Acrescento à digressão uma espécie de montagem com as palavras do autor – as suas obsessões ou inquietações –, extraídas daquela espécie de oficina de escrita que é toda a sua produção diarística: o escrever-se com a plasmação da sua memória (de elefante); o incansável labor sobre a matéria palavra (rigor, precisão, esforço, dor, angústia, depressão, júbilo...).

Permitam-me chamar aqui uma voz que o próprio Cristóvão de Aguiar convoca para o seu primeiro *Relação de Bordo*: o poeta Joaquim Manuel Magalhães. É, para mim, este belíssimo poeta que, de tudo o que li sobre o nosso autor, aquele que, precisamente como poeta, isto é, como cúmplice da escrita, mais luz nos oferece para ler Cristóvão de Aguiar ainda com mais prazer. Diz ele – e desculpem-me a citação longa: “Um romance que parta da ligação entre um local de comportamentos e um contínuo fluxo verbal, desenfreado de memória, enternecido de situações e carregado de um ritmo transbordante não podia deixar de agradar mesmo a quem não lê um romance a não ser com uma certa distância. Fascinou-me muito mais o seu romance que *Casas Pardas* da Velho da Costa ou *Directa* de Nuno Bragança. A sua “istora” (termo sedutor) de reminiscências é muito importante. Deixe-me acentuar três pontos: – lembrou-me o António Manuel Pires Cabral a sua “matança” açoriana. Lembrou-me porque gostei muito de ambas; a emigração, dada sem demagogia nem complacências, antes como ir-se embora, com a consciência dos limites económicos duma colectividade; – a *poesia* narrativa dos corpos, dos desejos, das células familiares. – O processo: um encadeamento, menos narrativo que designativo da situação; quero dizer, o que conduz a *istora* não é um enredo, mas impulsos organizados a partir de momentos da memória, ligado sempre a situações sociais e comportamentais.”<sup>23</sup>

“Sinto pavor à morte.<sup>24</sup>”, diz Cristóvão de Aguiar. E quando a sua avó Hermínia ainda em vida se despede dele como se estivesse morta, ele fica “sem saber onde pôr as

<sup>23</sup> RL-I: ???.

<sup>24</sup> RL: 310.

palavras (...).<sup>25</sup> Toda a sua escrita está marcada desde muito cedo, aliás, por este pavor, como ele próprio regista em nota de diário datada de 7 de Abril de 1965, quando escreve sobre a sua intenção de publicar o seu primeiro livro, de poemas: “(...) se morrer na guerra fico com descendência.<sup>26</sup>” (o livro, entenda-se). “Sempre tiveste um medo pânico da morte.<sup>27</sup>”, diz, mais tarde, de si para si.

O sofrimento de Cristóvão de Aguiar não é, seguramente, motivo de auto-comiseração ou de exibição gratuita, mas não pode nunca deixar de gritar quando a dor lhe dói, e, quando alguma vez deixou de a passar a escrito, vem o inevitável queixume: “(...) talvez tivesse ficado com menos agafos no corpo e decerto menos agravos na alma.<sup>28</sup>”

Para Cristóvão de Aguiar, escrever é na verdade um modo de se resolver,<sup>29</sup> e é deste modo que ele o exprime: “(...) o modo de te resolveres por escrito (...)”. Que é como quem diz, uma espécie de renascimento. Como creio que já vos disse, em Cristóvão de Aguiar trata-se sempre, ou quase sempre (é preciso ter cuidado com as certezas), de uma eterna renovação: “É urgente reconstruíres-te. Trasfegares-te como teu avô fazia ao vinho novo. Desentulha-te dos montes de destroços e ruínas que te impedem o acesso à unidade original, à clarividência dos gestos, à limpidez da entrega. O melhor é escreveres-te. Necessitas de palavras. De muitas palavras em brasa, amadurecidas, capazes de te limpar de uma vida que se te azedou. Colhe o fruto sazonado que o tempo põe todos os dias ao teu alcance...<sup>30</sup>”

O seu ofício é um “ofício de trevas<sup>31</sup>” E a divisa de Goethe poderia ser a sua: “*Se tens um monstro, escreve-o.*<sup>32</sup>” Para ele, “Escrever é um acto solitário, de introspecção profunda (...) não se compadece com o sol brilhante da chamada felicidade. Exige, sim,

---

<sup>25</sup> RL-I: 38.

<sup>26</sup> RL-I: 39.

<sup>27</sup> T: 17.

<sup>28</sup> TT: 195, sobre dever ter escrito há mais tempo sobre a sua dor da ausência do filho mais moço.

<sup>29</sup> RL-I: 308.

<sup>30</sup> T: 23-24.

<sup>31</sup> RL-II: 110.

<sup>32</sup> RL-II: 150.

um estado psíquico de penumbra, situado entre a saúde e a doença, entre a mágoa e uma alegria meio triste. Era este o estado tranquilo que eu gostava de alcançar.<sup>33</sup>”, um “(...) estado de doce tensão interior (...)”<sup>34</sup>”

Apesar da sua persistência, não são poucos os momentos de desânimo, na sua procura incessante de perfeição: “O que tenho andado escrevinhando neste caderno mete-me nojo. Aliás, tudo quanto tenho feito ultimamente em matéria de escrita me desgosta.<sup>35</sup>” E nos piores momentos “Cresce-[lh]e a alma de um só lado.<sup>36</sup>” “Já não tenho que escrever. Fui esgotando o que julgava haver em mim depositado, à espera de uma inteligência que lhe desse uma ordem, um rumo, um vazão. Mas, também ela, me tem sido curta e madrasta – não lhe soube dar o uso e o óleo que ela requereria. E as coisas, como se sabe, embotam e embrutam por falta de serventia.”<sup>37</sup> E desabafa: “(...) nunca acerto com a justa medida.<sup>38</sup>” “O ofício da palavra rende pouco e dá suores de aflição. Trabalhar. Trabalhar.<sup>39</sup>”

Não será estranho ouvir dizer a alguém tão perfeccionista: “(...) tenho pavor às palavras. Não sei se sabes que elas têm o condão de transfigurar coisas e criaturas. Bafeja-as de um sopro de vida verdadeira, transformando-as em seres de um outro mundo mais real e plausível do que este. Só de íntimo lavado e de ânimo aquecido consigo abeirar-me da palavra, quer para lhe rasgar o ventre, arredondar-lhe o corpo, afiar-lhe os gumes e os cumes, quer ainda para com ela travar uma luta, a que, não raro, só os alvores da madrugada vêm pôr ponto final. Nunca para adúl-la, porque, se o silêncio é de ouro, de mais valioso ouro será ainda a palavra gerada, amadurecida e parida na maternidade do verbo.”<sup>40</sup>

---

<sup>33</sup> TT: 88.

<sup>34</sup> TT: 78.

<sup>35</sup> RL-I: 325.

<sup>36</sup> RL-II: 106.

<sup>37</sup> RL-II: 72-73.

<sup>38</sup> TT: 37.

<sup>39</sup> TT: 304.

<sup>40</sup> RL-I: 340.

Cristóvão de Aguiar sabe que “(...) não po[de] negar que, por vezes, encontr[a] na escrita uma certa paz interina. Mas dá-[lhe]e também muita guerra...<sup>41</sup>” “Por trás de cada linha ou verso escrito, muita dor sublimada se encontra latente. E sacrifício. E sofrimento. Claro que já sofreste. E a maturidade e a distanciação? Quem escreve, disse alguém, escreve-se. (...) Recria-se a partir do intimamente vivido. Ou do revivido, ainda com mais intensidade, na arena de desforço onde a memória aguça e esgrime as suas armas de ataque e de defesa... (...) Exageras... Há sempre alguma coisa nova a dizer. É mister que se desça aos infernos do íntimo e se escarafunche o que lá possa haver (e há) de original, no sentido de que é só nosso. Tudo isto leva tempo, muito tempo. Tens de atravessar vastos desertos, sofrer muitas angústias, derramar suor em abundância. (...) Nada te detém quando galopas à garupa da imaginação e da fantasia. Desde que te fervilha um poema ou uma história, pedindo forja, grossa e o demais ferramental com que a escrita se afeiçoa (...).<sup>42</sup>” Mas é “Caprichosa, a escrita. Deleita-se em vingar-se de quem dela se abeira de coração inseguro e de mãos limpas.<sup>43</sup>”

Pacientemente, embora às vezes se sinta “(...) enjoado do mar encapelado em que a escrita se transforma (...)<sup>44</sup>”, Cristóvão de Aguiar persiste no seu trabalho interminável “de coligar, podar e limar centenas de páginas (...)<sup>45</sup>”, de as “ir colocando, obedientes, dentro do sistema nervoso da frase.<sup>46</sup>”, labor que noutras ocasiões parece descoroçoante: “(...) seis magras páginas em sete horas e picos de severa aplicação (...)<sup>47</sup>”; “Aqui em frente do ecrã do computador há não sei quanto tempo e sem conseguir pescar uma palavra das muitas que sinto correr pela ribeira que nasce e desagua em mim.<sup>48</sup>”; “[um dia em que] (...) só escutei as minhas vozes de dentro, quase sempre muito exigentes e duras comigo, não têm a mínima condescendência nem transigem um cisquinho no que diz respeito ao trabalho de escrita e a outros pontos da gramática de viver.<sup>49</sup>”

---

<sup>41</sup> TT: 195.

<sup>42</sup> T: 15.

<sup>43</sup> TT: 17.

<sup>44</sup> M/CS: 171.

<sup>45</sup> TT: 74.

<sup>46</sup> RL-I: 262

<sup>47</sup> TT: 111.

<sup>48</sup> TT: 72.

<sup>49</sup> TT: 96.

[este livrinho]

“Os textos que compõem este livrinho, que ora vos apresento, foram extraídos, com ligeiras alterações, de vários livros meus [boa parte deles, por exemplo, d’*A Tabuada do Tempo* e de *Ciclone de Setembro*] onde essas histórias sobre cães e cadelas se encontram — os inseparáveis e afectuosos companheiros da minha infância e juventude.”<sup>50</sup>

Esta pequena declaração de Cristóvão de Aguiar pode servir-nos como guia de leitura de toda a sua obra. Em poucas palavras direi que se trata do complexo entrelaçar, quase promiscuidade, entre a escrita dita diarística e a escrita de ficção. É sempre Cristóvão de Aguiar homem/escritor que nesses dois registos se encontra e desencontra. De tal maneira e tão radicalmente o faz que diria que, com essa atitude, é a própria fronteira de géneros que se esbate, ou, num certo sentido, se clarifica e aprofunda aquela que para muitos é a mais forte possibilidade (ou validade) da narrativa ficcional: a implicação autobiográfica como derradeira possibilidade. Esta perspectiva, sobreleva e arrasta outra questão, que é a da tendencial anulação de fronteiras entre o real e o ficcional, isto é, de fazer derivar a diferença para outro patamar, onde são bem distintos os valores em causa, como seja, por exemplo, a possibilidade de considerar igualmente o real sensível como algo que se constrói autoralmente, e, assim, ser possível modelar o experienciado e o imaginado com as mesmas regras que a ficção utiliza.

Isto que parece apenas teoria é absolutamente claro na prosa de Cristóvão de Aguiar. Hei-de dar-vos um exemplo no final destas notas quando vos ler um trecho de um dos seus livros e vos convidar a reflectir a que tipo de obra do autor ele pertence.

E acrescento ainda isto, que é claro e público: o primeiro *Relação de Bordo*, livro em jeito de diário que relata os anos 1964-1988, foi pacientemente escrito nos finais da década de 1990, com o auxílio da sua prodigiosa memória, de notas de época, cartas e, acrescento eu como óbvio corolário, do uso da mesma oficina em que se fabrica toda e qualquer ficção. “A minha escrita tem de ser coada pela memória afectiva.”<sup>51</sup> “Tenho de facto facilidade em me transportar a outras épocas da minha vida

---

<sup>50</sup> CL, Nota Prévia: 10.

<sup>51</sup> RL-II: 42.

e revivê-las quase com a mesma intensidade com que as vivi. Basta-me um incentivo que incendeie a memória.<sup>52</sup>”, diz-nos o autor com toda esta clareza. Os diários ou quase-diários *Relação de Bordo I e II*, *Nova Relação de Bordo* e *A Tabuada do Tempo* são exemplares e eloquentes. Tal como as ficções *Passageiro em Trânsito*, *Trasfega* e *Ciclone em Setembro*. Podemos talvez dizer isto: Cristóvão de Aguiar é tão verdadeiro nuns como noutros livros. E a literatura ficcional é tão excelente tanto nuns como noutros. Ele sabe que as suas razões são “(...) razões que, por serem imaginadas, correm o risco de se tornar verídicas...”<sup>53</sup>”

Os contos de *Cães Letrados* são, como disse, extraídos de vários livros do autor: e não errarei muito se afirmar que mais de metade destas pequenas ficções pertencem... aos seus livros ditos não ficcionais – os diários.

Quem leu os livros anteriores só tem a ganhar em ler esta sequência – como nova. Aos leitores que só agora chegam ao mundo de Cristóvão de Aguiar, *Cães Letrados* é um saboroso aperitivo, recheado de bons sabores e bem nutrientes!

Os contos podem agrupar-se em dois latos conjuntos: um, integra as estórias que o autor nos diz que vivenciou (mas só ele saberá a verdade – ou não...); outros, em que os cães são vestidos com um pêlo mais alegórico e por aí ironizam com figuras (supostamente não caninas) – cães polícias e polícias cães, cães universitários... – que todos podemos facilmente reconhecer no nosso quotidiano. Para Cristóvão de Aguiar, os cães têm sido “(...) povoadores de solidões acumuladas.”<sup>54</sup> Boa companhia, portanto.

E agora, peço a vossa atenção para o trecho de que vos falei.

[prazer rasante à dor]

“A vontade de escrever sentida não me é bissexta como a escrita; só quando, nos anos do rei, executa a dança do ventre me caem todas as defesas: deixo então de lhe resistir e fico nela enleado como aranhão em sua própria teia; nesses instantes de um prazer rasante à dor, sinto-me mais rente a mim e acareado por ela (...), atraindo-me

---

<sup>52</sup> TT: 74-75.

<sup>53</sup> T: 77.

<sup>54</sup> NRL: 211.

para jogos preliminares do banquete dos sentidos que se vai seguir; não sei deslindar qual deles será o mais cativante, talvez ambos, assim como se torna impossível delimitar as fronteiras dos moldes em que será vazada a massa ígnea com que vou lavourando as palavras para se transfigurarem em magma e escrita, ou escrita de magma, cada extrema crescendo para a vizinha, invadindo-se reciprocamente, derriçando-se ou eriçando-se, acasalando-se por amor raramente espúrio, rumo a uma nebulosa cada vez mais espapaçada de sombra na qual só cabe a morte total de todas as balizas entre suas terras comarcãs. Cuidado, porém: a morte traz no peito uma carta de alforria, no sítio exacto da cicatriz ficada do recontro; nessa sintonia vai originar-se uma ressurreição seguida de outro aniquilamento, e assim por diante, até a nebulosa se tornar no cerne de toda a escrita, sem castas nem marcos, sem sentinelas nem espias.<sup>557</sup>

Lajes do Pico, 17 de Dezembro de 2008

#### ABREVIATURAS DA OBRAS DE CRISTÓVÃO DE AGUIAR UTILIZADAS:

CL = *Cães Letrados*, s/ l., Calendário, 2008

M/CS = *Marilha (Ciclone de Setembro)*, Lisboa, Dom Quixote, 2003

NRB = *Nova Relação de Bordo*, Lisboa, Dom Quixote, 2004

PT = *Passageiro em Trânsito*, Lisboa, Salamandra, 1994

RB I = *Relação de Bordo (1964-1988)*, Porto, Campo das Letras, 1999

RB II = *Relação de Bordo II (1989-1992)*, Porto, Campo das Letras, 2000

T = *Trasfega*, Lisboa, Dom Quixote, 2005

TT = *Tabuada do Tempo*, Coimbra, Almedina, 2007

---

<sup>55</sup> TT: 318.

**CARLOS ALBERTO MACHADO, poeta, dramaturgo e ensaísta**

<http://bloguecam.wordpress.com/>

<http://machadoalbertocarlos.wordpress.com/>  
[camlisbon@yahoo.com](mailto:camlisbon@yahoo.com)